

Crítica // Furiosa: uma saga Mad Max ★★★★★

Uma máquina de guerra

WARNER BROS./DIVULGAÇÃO

Envolto em embalagem bíblica, o novo filme da saga Mad Max desenvolve uma trama de justiça, punição, vingança e mutilação

Ricardo Daehn

Com um quê do visual imperante no terror *O massacre da serra elétrica* e a esplendorosa direção de fotografia de Simon Duggan (de fitas ágeis como *Até o último homem* e *300: Ascensão do império*), o novo *Furiosa: Uma saga Mad Max* impõe na telona o magistral cinema comandado por George Miller.

“Que as estrelas te acompanhem” é quase um mantra entre as bravas personagens femininas, que incluem a nada frágil Furiosa (Ayla Browne, num primeiro momento, depois transformada em Anya Taylor-Joy) e a mãe dela, papel de Charlee Fraser. Entre comboios, fugas (sob fogo de atiradores), à meia-luz, em cima das famosas thunderbikes, as mulheres desafiam a autoridade de figuras bestiais como Immortal Joe (Lachy Hulme) e Dementus (Chris Hemsworth).

Um ancião historiador mostrará à sequestrada Furiosa o macete de aprender a ler, para “ter mais valor”. Riquezas e escassez fazem morada, e duelam, em rotas que envolvem a Vila Gasolina, a Fazenda da Bala e o Vale Verde. Recursos inacessíveis e o desprezo por atitudes



Anya Taylor-Joy, Tom Burke e Chris Hemsworth em cena de Furiosa

WARNER BROS./DIVULGAÇÃO



generosas fortalecem a brutalidade da trama.

Com sequências monumentais, as motos em círculo, por exemplo, lembram a corrida de bigas (vista em *Ben-Hur*), *Furiosa* traz

uma embalagem de contornos bíblicos — seja na abertura de portões de grandiosas fortalezas e na submissão de devotos guerreiros, ou ainda na entrega de bizarra encomenda, ao estilo

da cabeça de João Batista. Uma cena final, das mulheres comendo de insuspeito fruto, reforçam a tonalidade litúrgica que abraça cenas como o de rituais (não realizados) de casamento.

Negociação de água e gasolina e a operação de engenhocas, em pistas acidentadas ou por meio aéreo, deslançam momentos fortes de quebra-quebra. O mesmo colaborador de Baz Luhrmann (em *O grande Gatsby*), Simon Duggan cria um banquete gráfico, que, num crescente, gera mais apetite. Toda sorte de destruição, em coreografias circenses, paramentam a arena cinematográfica comandada por George Miller, à frente de sombrio enredo de justiça, punição e mutilação.